

O "CINCO CONJUNTOS" E O CENTRO CULTURAL LUPÉRCIO LUPPI¹

THE "CINCO CONJUNTOS" AND CULTURAL CENTER LUPÉRCIO LUPPI

Fábio Luís Martins²

RESUMO: Este estudo teve o intento de conhecer quais os significados que os moradores das comunidades do "Cinco Conjuntos", Londrina-PR, têm em relação ao Centro Cultural Lupércio Luppi recentemente inaugurado. Através de observações e entrevistas com a coordenadora e com os freqüentadores e os não-freqüentadores do Centro Cultural, pode-se conhecer como a comunidade se apropria e participa daquele espaço, quais as funções e os valores atribuídos a ele e, suas relações com o lazer.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços de Lazer. Centro Cultural. Cidade.

Introdução

A modernização da sociedade fez com que a cidade fosse considerada o centro da vida. Grande parte da população mundial mora, trabalha, diverte-se, educa-se, em resumo, vive nas cidades. Os administradores públicos tentam valer os direitos dos cidadãos, direitos estes, assegurados por lei e que configuram as necessidades e anseios das pessoas. Cada setor da administração pública, com seus valores e entendimentos a respeito destes direitos desenvolvem iniciativas, cada qual a sua maneira. É claro que são influenciados pelos valores que regem a sociedade de tal forma que acabam por reproduzir suas concepções. Ao ter o lazer e a cultura como foco, nota-se uma falta de compreensão acerca do tema. O que existe é uma supervalorização do trabalho, do produto útil e conseqüentemente, o lazer é entendido como uma ferramenta.

Iniciativas relacionadas ao lazer sempre foram desenvolvidas pelo poder público e ao longo dos anos elas vêm crescendo. Londrina é uma cidade do Norte do Estado do Paraná com cerca de 500 mil habitantes e como muitas outras cidades, têm se preocupado em implementar ações voltadas para o lazer e a cultura. E no ano de 2004 foi inaugurado um grande Centro Cultural (CC) numa região bastante habitada, a zona norte, conhecida também por "Cinco Conjuntos".

Buscamos conhecer quais os significados do CC Lupércio Luppi para os moradores das comunidades vizinhas a ele. Para tanto, utilizamos observações e entrevistas realizadas com freqüentadores e não-freqüentadores do CC. Contamos também com a participação da coordenadora do espaço para compreendermos melhor esta relação comunidade/ CC.

¹ Monografia apresentada ao curso de Especialização em Lazer (EEFFTO-UFMG), sob orientação do Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ).

² Prefeitura Municipal de Londrina/Londrina-PR/Brasil.

Cidade e Lazer

Para entendermos as relações entre a população e os espaços das cidades é preciso compreender alguns valores que durante muito tempo fundaram a “reorganização” das cidades. Um destes tem relação direta com a maneira como foram e em alguns casos, como ainda são ocupadas as cidades.

Falamos dos valores da industrialização que refletiram diretamente na urbanização das cidades, principalmente os valores utilitários e produtivos. Tais valores fizeram que durante a organização das cidades se deixasse em segundo plano, os interesses mais sociais, para se valorizar quase que exclusivamente o pensamento capitalista produtivo. Nesta perspectiva, podemos verificar que dentre outros interesses e necessidades, o lazer da população e o espaço para sua vivência sempre receberam menos atenção por parte dos administradores públicos e quando alguma ação era tomada, o entendimento funcionalista do lazer as norteava.

Este movimento teve como ponto de partida, o início da sociedade industrial na Europa, período em que diversos fatores contribuíram para que grande parte da população migrasse para os centros urbanos. No Brasil, este processo aconteceu mais recentemente (século XX), onde a falta de incentivos para a agricultura e a busca por uma independência industrial, fizeram com que a indústria nacional se modernizasse, o que atraiu a população para as cidades. Assim, surgiram as grandes cidades e metrópoles.

Reflexo das exigências mercadológicas de consumo e produção, o espaço urbano foi valorizado em seu sentido econômico e utilitário. A especulação imobiliária valorizou áreas onde se possa “ganhar mais”, o que fez com que as camadas menos favorecidas da população fossem para as regiões periféricas, deixando as áreas centrais e nobres para o comércio e para a população da classe média e alta. Maximizar o rendimento do espaço urbano é imprescindível para o setor econômico.

O município de Londrina, situado no norte do estado do Paraná³, é um caso típico deste processo. Londrina surgiu em 1929, em território de mata fechada e terras muito férteis, a partir da Companhia de Terras Norte do Paraná. O solo rico e o modelo democrático de colonização levaram ao crescimento constante, o que se tornou característica da cidade. Projetada para não ter mais que 30 mil habitantes, hoje com 70 anos, conta com cerca de 500 mil. Tornou-se pólo regional e a terceira maior cidade do sul do país.

A partir de meados da década de 70, o rápido crescimento populacional passou por uma aceleração ainda maior em virtude da geada negra (1975), que assolou as plantações de café, e da introdução do novo modelo agrícola mecanizado, que provocou a migração da população rural para a cidade. O auge do crescimento, entre 1975 e 1985, centrou-se na Zona Norte, onde foram construídos rapidamente grandes conjuntos habitacionais, por meio de programas nacionais de habitação, então existentes. Esse crescimento repentino deu origem a uma parte da cidade com vida própria, o “Cinco Conjuntos” ou “Cincão”, como é conhecida esta região, hoje composta por vários bairros. Com o passar do tempo, o poder público investiu em escolas, postos de saúde, hospital, corpo de bombeiros, cemitério, segurança e o comércio se desenvolveu. Os espaços públicos específicos de lazer ficaram restritos as praças e aos já existentes na área central da cidade.

³ Colonizadora inglesa que comprou do governo uma extensa área e promoveu sua partilha em pequenos lotes, com modalidades facilitadas de pagamento e assistência técnica. A criação oficial do município aconteceu em dezembro de 1934 (PERFIL, 2003).

Este processo de industrialização foi um marco expressivo na reorganização espacial das cidades. Mas para alguns estudiosos, como Featherstone (1997), há em algumas cidades um processo de desindustrialização e transformação destas, em centros de consumo. Nesta via para uma sociedade de consumo, o processo de transformação tecnológico, principalmente a partir de 1970, influenciou bastante. Pois a partir de então, os eletrodomésticos cada vez menores e mais acessíveis, receberam status de produtos de “necessidade básica”, o que fez com que fossem consumidos cada vez mais.

Assim, fortaleceu-se o setor privado e privatizou-se as vivências cotidianas. A ação da indústria cultural é co-responsável e altamente fortalecida. Featherstone (1997, p.141) considera “que a cultura popular contemporânea (moda, música, televisão, vídeos, bebidas, danças, clubes) está dominada pelo mundo do ‘faz-de-conta’ da publicidade”.

Esta cultura de massa é a que se desenvolve com mais rapidez nos dias atuais, devido a sua facilidade de acesso, com custos razoavelmente baixos (relacionada muitas vezes com a qualidade) e que são ofertados a todo o momento, pelos mais diversos meios. E para serem mais rentáveis, é preciso que as vendas sejam cada vez maiores, o que torna necessário, criar e atender desejos da população que as consome.

Outro fator que contribui com este fato é o entendimento da cultura pela grande maioria da população, pelos empresários e governantes como “um conjunto de expressões que pode ser resumido no âmbito do entretenimento, do consumo e do agenciamento físico [...]. Um contexto, portanto, onde o reflexo prevalece sobre a reflexão, o signo prevalece sobre o símbolo e a virtualidade prevalece sobre a representação” (Sevcenko apud MELO; PERES, 2005). Isto faz as instituições privadas se encaixarem nesta perspectiva e a privatização se tornar cada vez mais presente em nossa sociedade.

Atualmente, podemos constatar que grande parte do tempo destinado ao lazer é vivenciado dentro de casa. Quanto aos espaços fora de casa, tudo na cidade começa a ser “explorado” no mercado do lazer. Procura-se cada vez mais ofertar vivências de lazer para agradar os mais variados interesses, na busca de que a população consuma cada vez mais. Featherstone (1997, p.143) coloca que:

Se as cidades pós-modernas se transformaram em centros de consumo, jogo e entretenimento, saturadas de signos e imagens a ponto de qualquer coisa poder ser representada, tematizada e transformada em um objeto de interesse, de “observação turística”, espera-se então que as atividades de lazer [...] devam mostrar alguma convergência nesse aspecto.

As ações direcionadas às necessidades sócio-culturais da população através da cultura e do lazer, sempre foram tratadas com menos interesse pelo poder público, mesmo assim, parques, bibliotecas, teatros, centros culturais e espaços esportivos são construídos, em pequeno número e restritos a uma parcela da população. A cultura é entendida como algo a ser ensinado a quem não têm e o lazer como um meio de recuperação da força de trabalho e de manter as pessoas longe de situações que possam comprometer a saúde. Mas este pensamento a respeito do lazer começou a mudar.

A busca pela melhoria da qualidade de vida, juntamente com a “democracia cultural”, que estão estreitamente relacionados com o tempo livre e a prática da cidadania, foram essenciais para que os estudos e ações voltadas ao lazer e a cultura

fossem valorizadas tanto pela população, quanto pelos setores públicos e privados. E quando se fala em qualidade de vida, a questão da disposição espacial dos equipamentos urbanos se torna imperativo.

Os Espaços Públicos para o Lazer

Embora o lazer ocorra cada vez mais no ambiente doméstico com um cunho particular e individual, isto não desobriga o poder público de criar mecanismos que envolvam a implantação, adaptação, ampliação, manutenção e animação de espaços para o lazer. Este quadro se faz necessário segundo Pellegrin (1996, p.34) “porque a casa ‘com tranquilidade para trabalhar, equilíbrio para refletir e disposição para o lazer’ faz parte de uma realidade que não é e não será, no terceiro milênio, a da maioria da população”.

Podemos verificar diversas ações direcionadas ao aspecto espacial do lazer proveniente das mais diversas secretarias e departamentos do poder público municipal. Estas ações se referem à criação de equipamentos específicos, melhoria das já existentes, manutenção e urbanização de áreas “livre-verdes”. Pellegrin (2004, p.72) nos chama atenção para que na observação de aspectos referentes aos equipamentos, os consideremos fazendo “[...] parte do desenho da cidade moderna, isto é, são formas urbanas concretas sobre as quais operam forças de ordem econômica e política”. Estas forças podem ser observadas no que diz respeito a localização e a conservação dos equipamentos.

Estes equipamentos são utilizados pelo poder público e pela iniciativa privada para atingirem a população em seus objetivos e há uma grande diferença entre estes dois setores. Os equipamentos especializados que se encontram administrados pelo poder público são em número insuficientes, muitas vezes subutilizados e com má conservação. Além da pouca ou nenhuma animação, diferentemente dos de responsabilidade da iniciativa privada.

Analisando questões referentes ao acesso a estes equipamentos e bens da cidade, Melo; Peres (2005) abordam três aspectos de grande importância:

[...] o aspecto físico (se há equipamento propriamente dito); o aspecto financeiro (se o valor cobrado e os gastos adicionais são acessíveis); e o aspecto relacionado à formação/predisposição (se há estímulo e intervenção pedagógica, mediação, que possibilite a compreensão dos significados das diversas manifestações culturais). Não adianta, a cidade possuir uma infinidade de equipamentos públicos se as pessoas não são estimuladas a frequentá-los [...].

Outro ponto a ressaltar é que mesmo quando estes entraves são superados, a participação da população nos equipamentos é ínfima, particularmente naqueles voltados aos interesses intelectuais e artísticos, pois segundo Marcellino (1995, p.60), estes se revestem de um ar de santuário em suas construções e formas de utilização, o que inibi a população a frequentá-los.

A concepção clássica de cultura, entendida como algo acabado e complexo, produzido por um grupo privilegiado de pessoas, transforma tais equipamentos em templos culturais onde são ofertados bens culturais a serem consumidos pela população. E estes bens são mais facilmente consumidos por aqueles que já foram iniciados e compreendem um pouco mais sobre determinado assunto. Dessa forma, restringem-se a participação a um pequeno número de aptos.

⁴Nome dado por um vereador em homenagem ao primeiro alfaiate do município.

O Centro Cultural Lupércio Luppi

Em 21 de junho de 2004 foi inaugurado na Avenida Saul Elkind, que cruza a região norte, o CC Lupércio Luppi⁴. E por que um CC na Zona Norte de Londrina? A coordenadora nos contou que a idéia de se ter na região, primeiramente uma biblioteca, partiu da necessidade da comunidade escolar da região por um espaço onde se pudesse complementar os estudos através das pesquisas escolares. Até então, os alunos da região tinham que se deslocar para o centro da cidade, onde se encontra a biblioteca pública municipal, para ter acesso aos materiais de pesquisas. Questões como a distância, o gasto financeiro com o transporte, o grande tempo despendido e a segurança das crianças e jovens nesta “viagem” ao centro, foram os principais motivos que mobilizaram professores(as) e alunos(as) a buscarem uma biblioteca para região.

A coordenadora, que era professora e presidenta do Rotary Club da região naquela época (1999/2000), encabeçou a causa. Através de conversas com vereadores e secretários de governo, buscou-se um espaço para implantar a biblioteca. No Conjunto Maria Cecília, existia um centro comercial de propriedade da COHAB-Companhia de Habitação de Londrina, onde até então, funcionava um mercado e que o contrato para uso do prédio estava por encerrar. Os esforços direcionam-se para este espaço, em vista que este tinha uma ótima localização e espaço interno.

Através de algumas iniciativas e dentre estas um abaixo assinado, os envolvidos conseguiram fazer com que a prefeitura declarasse de utilidade pública o espaço, desapropriando-o em 22 de agosto de 2001. Um deputado federal auxiliou a prefeitura a firmar convênio com o Ministério da Cultura, que financiou parte da obra de adequação/reforma do espaço. A partir deste momento, o projeto não seria somente de uma biblioteca e sim de um CC. Após indicação do Rotary e por motivos que envolviam o período eleitoral, a coordenadora do CC foi convidada para exercer a função.

Verifica-se que a iniciativa de ter um espaço cultural na região partiu de uma parte da comunidade que entendia que este se fazia necessário, por estarem mais diretamente envolvidos com os benefícios que este espaço proporcionaria. Houveram outros fatos representativos na implantação deste espaço. Um destes é a passividade por parte das associações de moradores, que segundo a coordenadora, em nenhum momento interferiram no processo. Outro fato diz respeito a interesses de terceiros no prédio para torná-lo novamente um local de comércio. A coordenadora relatou fatos em que o prédio teria sido aberto e lá, colocadas gôndolas de mercado, além de telefonemas que recebia, pressionando-a a ceder o espaço. Ao se tratar do espaço urbano, deve-se estar atento às peculiaridades que compõe a organização das cidades, principalmente o poder público na busca de seus objetivos. O CC é atualmente composto por três grandes áreas: um teatro, um salão multiuso e um salão central. O teatro possui uma coxia, um hall de entrada e banheiros. O local está sem palco e com algumas cadeiras. O salão multiuso possui banheiros, mesas e cadeiras. Estes dois espaços têm suas portas de acesso independentes do salão central. No salão central, encontra-se a recepção/secretaria, a biblioteca, os computadores que estão ligados à internet, e um local denominado “Espaço Criança” com livros, mesas, cadeiras e brinquedos. Há também uma área livre para exposições, um local com mesas e cadeiras e, a coordenação, dois banheiros e uma cozinha para os funcionários. Todos estes espaços são arejados, bem iluminados e agradáveis.

O salão central funciona de segunda a sexta-feira das oito às dezoito horas.

O teatro e o salão multiuso abrem em função dos dias e horários das atividades que são desenvolvidas em seu interior, inclusive finais de semana e períodos noturnos. Isto é possível devido à interdependência que cada sala têm e a responsabilidade pelo local fica a cargo do “oficineiro” e do vigia. O quadro de pessoal é composto por seis funcionários públicos que atendem na recepção, seis “oficineiros” oriundos dos vários projetos da secretaria da cultura, um zelador e um vigia noturno.

A programação é composta por atividades permanentes, que são as “oficinas”, nas quais um “professor” ministra uma determinada “aula” sobre um conteúdo cultural, e por eventos esporádicos – exposições, oficinas e apresentações – que são disponibilizados à população, conforme surge a oportunidade. As oficinas são provenientes do próprio centro, da secretaria de cultura ou de outras secretarias e de terceiros. Atualmente são desenvolvidas as oficinas de: street dance, capoeira expressiva, balé, xadrez, desenho contemporâneo, caratê, quadrinhos, desenho artístico, mangá, grupo de apoio psicológico, projeto anjos do Senhor, coral de uma escola municipal, diversas palestras e teatro.

Esta composição e a estruturação da programação é elaborada pelos administradores do espaço e secretaria de cultura, que oferece as oficinas e o CC conforme disponibilidade de espaço e horário, as aceita ou não. Não se consulta a comunidade a respeito de seus anseios e de seus contentamentos sobre as oficinas. Através desta verticalidade na organização e escolha das atividades, fica possível compreender que as ações culturais desenvolvidas neste espaço são no sentido de consumo de atividades organizadas, supervisionadas e difundidas por intervenções educativas (Pinto, 2001). O poder público utiliza-se deste dirigismo cultural, que está nas mãos dos planejadores o controle das decisões, para atingir seus objetivos. Este fato evidencia o tipo de ação cultural que o poder público exerce preocupando-se com:

[...] a extensão ou difusão dos bens culturais. Uma política cultural tem êxito conforme faça chegar ao maior número possível de pessoas, o maior número possível de bens culturais. A difusão é, portanto, o objetivo que melhor caracteriza essa política. [...] A cultura é um produto que deve ser difundido – vendido ou simplesmente ensinado [...] (PUIG; TRILLA, 2004. p.157).

Nesta perspectiva, a cultura é entendida como uma obra existente por si mesma, acabada e inalterada, que deve ser multiplicada e difundida (PUIG; TRILLA, 2004). No movimento contrário a esta verticalidade das ações, se encontra a Ação Comunitária⁵, que entendemos ser a mais adequada.

É existe o interesse da comunidade em participar do planejamento e organização das ações do CC Lupércio Luppi? Segundo a coordenadora, duas oficinas foram solicitadas pela comunidade, e estes pedidos encaminhados à secretaria de cultura. Atualmente não há oficinas procedentes de pedidos da comunidade, mas para o próximo semestre estavam sendo providenciadas as oficinas de dança de salão e artesanato, solicitadas. Mas este envolvimento da comunidade ainda é muito pequeno. Quando indagados se conheciam a programação do CC, tanto os frequentadores, quanto os não-frequentadores pouco sabiam a respeito ou nem se

⁵ [...] a Organização que formula a política não quer ver sua ação confundida ou reduzida à chamada “indústria cultural”, devendo, portanto, revesti-la de características próprias. Essa alternativa, [...] leva em conta a necessidade do conhecimento da situação, ou seja, da realidade, interesses e aspirações de determinada clientela; sua participação efetiva no planejamento, organização e avaliação das ações; e a integração com órgãos e instituições locais, quer em busca de apoio político, ou de recursos para manutenção e ampliação da ação (MARCELINO, 1996. p.39).

quer conheçam. Aos que responderam conhecer algo, perguntamos o que conheciam das oficinas, alguns diziam saber somente por terceiros e se calavam e outros elogiavam. Percebemos através das expressões corporais que nunca tinham pensado a respeito da qualidade das ações ofertadas pelo CC.

Uma outra questão reforçou este distanciamento da população para com a programação.

É que estes não reivindicam e nem expressam suas vontades referentes às ações do CC. Quando se realiza um pedido, é através de representantes de instituições (igrejas, colégios, ONGs), que necessitam somente de um espaço para a realização de alguma ação esporádica (vigília religiosa, ensaios e apresentações de dança e teatro) de sua instituição, que por algum motivo não pode ser realizado no local da mesma. E o espaço para exposições e o salão multiuso são os mais solicitados.

Compreendemos que este distanciamento da população refere-se ao "ar de santuário" (MARCELLINO, 1995. p.60) que o CC transmite. Além disso, os entendimentos da cultura como algo acabado e que a função do centro é a difusão cultural, podem estar sendo assimilados pela comunidade, o que a torna, até certo ponto, passiva perante o espaço.

A Intervenção Cultural

Na montagem e estruturação das oficinas, verificou-se a falta de participação da comunidade. Em sua maioria estas oficinas são vistas com a finalidade de transmitir um conhecimento que o "oficineiro" traz consigo, nos mesmos moldes da escola tradicional. Assim, destacamos um certo dirigismo no local, onde técnicas são simplesmente transmitidas. Dentre os entrevistados, a maioria respondeu que não auxilia (exceto o grupo de teatro) o professor (como chamam quem realiza as oficinas) a estruturar e montar as oficinas.

Para ir ao encontro dos anseios da comunidade e ser um espaço onde a cultura pudesse ser compreendida e re-elaborada, a democracia cultural deveria ser o objetivo dessas ações. Principalmente por ser um espaço gerenciado pelo poder público.

A democracia cultural exige que a cultura seja definida pela população que a assume. Cada um deve possuir os instrumentos para que, livre, possa desenvolver os próprios traços culturais, conduzir a própria vida e criar de forma autônoma a própria personalidade individual, e, junto com os concidadãos, a personalidade e a história coletiva. A democracia cultural implica a tomada de consciência dos próprios costumes e crenças, sua análise e, portanto, a transformação criativa e lúdica desses traços. Dessa maneira, pretende-se garantir uma adequação plena da cultura às próprias necessidades, uma participação massiva em sua satisfação e uma aproximação progressiva da justiça como norma reguladora da sociedade (PUIG; TRILLA, 2004. p.158).

E a intervenção cultural que se caracteriza por esta busca deve-se pautar na educação estética.

O animador cultural deve ser fundamentalmente um estimulador de novas experiências estéticas, alguém que, em um processo de mediação e diálogo, pretende apresentar e discutir, induzir e estimular, o acesso a novas linguagens; um profissional que educa ao apresentar possibilidades de melhor sorver, acessar e produzir diferentes olhares. Vale salientar que a experiência estética não se esgota na

sensibilidade, no sentimento, na emoção, estando também ligada ao conhecimento, ao intelecto, à razão (MELO; ALVES JUNIOR, 2003. p. 67).

Por Que Não?

Por que algumas pessoas que residem, trabalham, estudam e se divertem nas imediações do CC não utilizam este espaço que oferece múltiplas oportunidades de vivências? Foram dadas várias respostas que giraram em torno de dois eixos: a falta de atração pelo espaço e pelas atividades ofertadas e, a falta de tempo. Dentre os mais jovens a resposta foi preponderantemente o não-interesse pelo espaço e pelas ações desenvolvidas.

Nunca me interessei. O que tem ali não me interessa (M. 17 anos. Solteiro).

Apesar de grande parcela dos freqüentadores do CC ser composta por crianças e jovens, o que faz entender, que as ações desenvolvidas se enquadrariam nas preferências desta população, isto não garante a atração de todos. A comunidade onde se localiza o CC é composta por pessoas de variadas categorias – econômica, educacional, de credo, convívio social, etc. – sendo responsável pela diversidade dos interesses. Por este motivo, as atividades ofertadas estariam agradando apenas uma parcela destes moradores. Tal fato poderia ser amenizado com uma maior participação da comunidade na estruturação, programação e direção das ações desenvolvidas no espaço.

Destaca-se também a falta de conhecimento que uma grande parte da população e dos entrevistados têm em relação às ações desenvolvidas pelo CC, o que influência diretamente no número de freqüentadores.

Tem bastante coisa, mas não é muito divulgado (E. 28 anos. Casada).

O senhor “A” (50 anos. Separado) freqüentador assíduo disse que o CC é excelente, mas peca na divulgação. Este senhor comentou como era a divulgação da programação de um CC que freqüentava em São Paulo, que entendia ser boa e poderia servir de exemplo para este CC.

No outro eixo de respostas, a não-freqüência relacionada a falta de tempo, se encontram as pessoas com mais idade, trabalhadores(as) e casados(as). Com o desenvolvimento do capitalismo e da distinta existência de um tempo de trabalho extremamente valorizado e de um tempo de não-trabalho, pensado como indo à contramão da racionalidade do sistema econômico, é criado um certo preconceito ao tempo livre. No tempo de não-trabalho, se poderia buscar mais o lazer, contudo, as pessoas acabam por criar um pensamento onde “o estar produzindo algo” é mais importante que o “não fazer nada” e isto influencia diretamente no tempo em que as pessoas reservam para tais práticas, de trabalho e não-trabalho, e conseqüentemente as de lazer.

Estes valores arraigados poderiam ser mais bem discutidos e trabalhados através da educação tendo o lazer como objeto (Marcellino, 1995, p.70). Quando se tem conhecimento, não somente para o trabalho, mas sobre o lazer, o que ele é e pode proporcionar, diminui-se o preconceito e possibilita mais condições para a busca das vivências de lazer, e assim, interferir diretamente no tempo destinado a tais vivências. Neste ponto, não podemos deixar de lado, que tão importante quanto o conhecimento dos valores relacionados ao lazer, o indivíduo deve estar sensível para tais vivências. Tal análise não implica em condicionar que os entrevistados não

tenham estes conhecimentos ou seus lazeres desassociados do CC, nem tão pouco, que eles não anseiem o lazer ou mais tempo para tais vivências, pois vários outros fatores regem a organização da vida das pessoas.

Quando indagados se gostariam de frequentar o CC, aproximadamente dois terços dos entrevistados disseram que não, pois não havia atividades que lhes interessassem ou pela falta de tempo. Mas há quem gostaria de frequentar o espaço. E um dos poucos entrevistados que não se enquadravam nos dois eixos de respostas anteriores foi o "E" (14 anos. Solteiro). A sua não-frequência até o momento, se dava pela falta de conhecimento das ações e que após conhecer passaria a frequentar. Isto demonstra, a importância da divulgação no sucesso das ações desenvolvidas no âmbito do lazer.

Para que um Centro Cultural?

O espaço humano é o social, no qual configura-se a cultura. E as relações do homem com o espaço têm significações variadas que acabam por constituir cada espaço e este se torna um equipamento para usufruto. A escola, a casa, a igreja, o local de trabalho, cada um destes são compostos por signos que o configuram como tal. Cada indivíduo estabelece relações diferentes com tais signos. Mas estas relações seguem um nível aproximado, pois os valores da sociedade a qual pertencem estão diretamente relacionados com os valores individuais que constituem estas relações. Os espaços direcionados ao lazer são constituídos de significações complexas. Como foi visto anteriormente, os vários entendimentos que as pessoas e as instituições têm a respeito do lazer e da cultura e como as cidades são compreendidas e organizadas, contribuem para que o lazer seja este momento da vida repleto de diversas significações. Fazendo com que, os espaços e equipamentos específicos, onde ocorrem às experiências de lazer, sejam confundidos com outros tipos de equipamentos, tanto pela forma como são concebidos, como são organizados.

Ao se analisar os equipamentos de lazer, podemos dizer que estes servem como um meio para as pessoas buscarem seus interesses. Quando uma pessoa vai a um equipamento, ela busca a satisfação pelas mais variadas formas. Mas o fato desta pessoa estar ocupando um espaço/equipamento, significa a necessidade de estar subordinado a alguns conteúdos culturais (STUCCHI, 1997. p. 109), e quando submetidos aos olhares de diferentes, estes conteúdos podem assumir várias funções e o local se caracterizar por suprir uma determinada necessidade ou aspiração para um indivíduo ou grupo e outras totalmente diferentes para outro(s).

O CC Lupércio Luppi, local que possibilita a vivência de diversos conteúdos culturais, é um destes espaços que são compreendidos de diversas formas. Para conhecermos quais os significados deste CC para a comunidade, optamos primeiro por saber quais seriam as funções atribuídas ao CC pelas pessoas que o administram.

O projeto que foi encaminhado pelo Governo Municipal ao Ministério da Cultura, a fim de estabelecer parceria com o título "Reforma e Ampliação de Espaço Cultural em Londrina", traz no item "Identificação do Objeto" o seguinte:

[...] Propiciar acesso à criação literária, científica e a informações de atualidade para uma população de aproximadamente 80 mil pessoas, carentes de espaços culturais [...];
Desenvolver nesse espaço a democratização da leitura e das artes, formação de público e fomento à criação usando múltiplas linguagens culturais; [...].

O item “Justificativa da Proposição”, do mesmo projeto, estabelece que a parceria possibilitará “[...] a construção de uma obra importante e facilitará as condições de acesso à cultura, apoiando, valorizando e difundindo a criação cultural”.

E segundo a coordenadora a função do CC é:

Primeiramente estar expandindo e levando a cultura para a comunidade, de maneira mais simples e de maneira mais acessível. De que forma: com a biblioteca, com os livros e computadores para pesquisa e; através das oficinas, trazendo as diversas modalidades, as diversas expressões culturais em que a comunidade tem livre acesso. [...]. Oferecendo gratuitamente as várias expressões da cultura para a comunidade.

Destacam-se alguns termos nestas citações – acesso e fomento à criação cultural; democratização; formação de público; apoio, valorização e difusão da criação cultural; expandir e levar a cultura. A fala da coordenadora mostra uma visão restrita da cultura e a difusão de bens culturais e a gratuidade, como a principal função do CC. Em relação ao projeto, esta fala condiz com apenas uma parte dele, pois exclui funções como apoio e valorização da criação cultural. Mesmo trazendo estes intentos, o projeto mostra uma excessiva valorização da difusão cultural. Temos assim, uma ação cultural denominada “democratização da cultura” onde a difusão é o objetivo que a melhor caracteriza (PUIG; TRILLA, 2004. p.156).

Ponderando o projeto, a fala da coordenadora e as ações dos “oficineiros”, podemos verificar discordâncias. O projeto abrange uma gama de funções ampla, o que a torna mais próxima dos objetivos reais de uma instituição pública. E a fala da coordenadora e a intervenção cultural, nos mostram que tão somente a difusão desta “cultura” vêm sendo realmente realizada.

Segundo Puig; Trilla (2004. p.158) é perfeitamente legítimo e até imprescindível um trabalho de difusão cultural, mas este deve estar vinculado ao trabalho de animação, orientados por objetivos democráticos.

Em um segundo momento, perguntamos às pessoas por que elas freqüentam o espaço, e as respostas, resumidamente, foram: satisfação, aperfeiçoamento, informação, desenvolvimento, é perto de casa, e estudo. A senhora “R” 32 anos casada, participante da oficina de street dance, toda sorridente disse: “É para sair da rotina. Para o estresse do dia-a-dia. É uma terapia”. O CC é um equipamento polivalente capaz de atrair as pessoas por motivos variados, entre o quais, destacou-se a busca da satisfação, uma das principais características do lazer apontadas por Marcellino (1995). A resposta de “J” 57 anos casado, que empresta livros e lê jornais, vêm condizer com esta aparente função do CC:

Porque eu gosto. Apesar de ser uma coisa de utilidade pública, ainda é uma área de lazer.

Quando perguntamos sobre quais seriam as funções do CC, tivemos várias respostas: ensinar a cultura às crianças; levar a educação aos adolescentes; estudar; tirar as crianças das ruas e afastá-las da violência; e manter as pessoas ocupadas.

Trazer cultura, educação (G. 22 anos. Solteira).

Com tais funções fica clara uma visão moralista e utilitarista (Pinto, 2001, p.55) do lazer/cultura. Desta forma, o CC é um espaço onde as pessoas passam o tempo de maneira mais adequada e supervisionada. Durante décadas, estas funções vêm sendo entendidas como básicas e norteadoras das ações culturais, principalmente pelo poder público.

Alguns também atribuíram as funções da diversão; de ser uma opção a mais; de incentivar a busca de interesses; ofertar cursos, oficinas e materiais gratuitamente.

Pra não ficar muita gente assim na rua. Pra aprender as coisas e divertir (J. 9 anos).

Quando perguntamos à coordenadora, o por que das pessoas virem ao CC ela nos respondeu que “eles estão buscando formação, estão buscando informação inicialmente, e lazer. É uma forma de lazer. Que a gente percebe que as pessoas vêm, retornam, vêm buscar um livro aí já descobrem uma oficina...”.

Todas estas funções atribuídas ao CC são entendidas por nós como sendo um lazer:

[...] carregado do sentido de atividade, cumprindo com as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento social com fins moralistas (canalização das tensões e redução dos problemas sociais, atuando como válvula de escape e segurança da sociedade), compensatório (manutenção do status quo e descanso voltado à recuperação da força de trabalho) e utilitarista (instrumento de paz social e de mercadoria – entretenimento que demanda o consumo de atividades, bens e serviços) (PINTO, 2001. p. 55).

Para algumas pessoas da comunidade o CC não tem função alguma. Segundo estas pessoas, o espaço seria mais bem aproveitado se fosse uma creche ou um hospital. Um morador da comunidade que trabalha ao lado do CC disse:

Deveria ter mais utilidade. Agora só está servindo aí para o pessoal vir aqui ficar fumando maconha à noite. Deveria ter mais brincadeiras e coisas para as crianças poderem participar. Mais segurança na área. [...] a prefeitura gastou bastante dinheiro e ficar, bem dizer, parado sem nada para fazer, isso aí é um desperdício (W. 32 anos. Casado).

Desde o processo de implantação do CC, existem pessoas que não entendem a importância de um espaço como este. Ainda é muito forte o preconceito em relação ao tempo livre despendido para o lazer, principalmente quando este lazer é financiado pelo poder público. Mesmo que, as ações desenvolvidas não estejam ao contento de toda a comunidade, o lazer se constitui como uma dimensão fundamental da vida e um direito social que obriga o poder público a desenvolver ações a este respeito.

Buscamos conhecer também o quão importante é o CC para a região, para tal foram feitas duas perguntas: se ele(a) tinha notado mudanças no bairro em função da vinda do CC e, qual a importância deste espaço para o bairro.

Quase a totalidade dos entrevistados afirmou não terem notado mudanças no bairro ou não soube responder. Alguns notaram mudanças, mas não souberam listá-las, e os que falavam era em relação a reforma do prédio. E sobre os aspectos que conferiam importância ao CC, os mais citados foram os relacionados à

informação, ao estudo e acesso aos livros, valorizando assim, o espaço da biblioteca com seus livros, computadores, mostras e exposições.

O CC, querendo ou não, vai estimular na educação, né, principalmente por parte das crianças. Ela freqüentando o CC, ela vai estar aprendendo cultura, e cultura o que é? É educação e conhecimento. (F. 39 anos. Divorciado).

Esta educação, especialmente para os jovens, é compreendida como uma ferramenta de preparação para o futuro, assim, não se valoriza o espaço para a busca da realização hedonista pessoal e coletiva. Tais falas contradizem o que foi dito a respeito dos motivos que levaram as pessoas a freqüentar o CC, pois as respostas que se sobressaíram estavam diretamente relacionadas com a satisfação. Demonstrando, assim, os preconceitos existentes na valorização da busca pelo prazer/lazer.

Outros motivos citados para a valorização do CC foram a ocupação e retirada de pessoas da rua e o combate a violência, no qual a visão assistencialista é reforçada. Algumas pessoas entendiam que o principal valor do CC é proporcionar diversão e a gratuidade. Poucos falaram em lazer e somente um senhor o citou.

Instrução. Como eu digo, é uma área de lazer, é uma coisa de utilidade pública, é ótimo. É melhor do que tivesse aqui uma lanchonete, um bar, alguma coisa. Para o povão é melhor (J. 57 anos. Casado).

Perguntada, a coordenadora nos falou sobre as mudanças que o CC trouxe a comunidade.

Antigamente era um mercado, um espaço de comércio, truculento, com uma movimentação séria [...] o prédio brilhou, com cores e vidros. Houve uma valorização da área. Deu um ar de beleza.

Os motivos que valorizam o CC são os mais variados – dos funcionalistas, por atender as exigências de uma sociedade pós-moderna, até os hedonísticos de caráter pessoal. E apesar de estar em funcionamento há apenas um ano, o CC já é considerado pela maioria dos entrevistados como essencial para o desenvolvimento da comunidade e um importante espaço para a busca da satisfação pessoal.

Considerações Finais

O conhecimento de como os espaços de lazer/cultura são compreendidos, utilizados, não-utilizados e valorizados pela comunidade se torna cada vez mais imprescindível aos diversos ramos de atuação, a partir do momento em que estes buscam a devida e almejada valorização do lazer.

O CC Lupércio Luppi, primeiramente uma biblioteca, foi demanda da população, comprovando-se que quando a comunidade deseja e usa os meios adequados, ela consegue atingir os seus objetivos. E que não somente as ações produtivas relacionadas ao mundo do trabalho são almejadas e valorizadas pelos cidadãos.

O CC é bem localizado e possui espaço, materiais e equipamentos bons. É um ambiente agradável. Mas a falta de interesse, de tempo e de conhecimento são motivos que fazem muitos não freqüentarem o espaço. Stucchi (1997, p.111) coloca que a relação das pessoas com os espaços e equipamentos de lazer depende da fusão

de três elementos importantes no contexto sócio cultural: espaço/tempo/consciência. Temos o espaço do CC e acreditamos que o tempo para as vivências surja da consciência do que seja o lazer, os seus valores e funções e, através de experiências estéticas encontrarem o prazer, e isto é adquirido através da educação.

As relações com o CC são carregadas de significados e a ele são atribuídas diversas funções por aqueles que o conceberam, por quem o administra e pela comunidade. Apesar de somente três pessoas terem pronunciado a palavra lazer durante as entrevistas, este é um dos motivos pelo qual as pessoas mais o freqüentam. E apesar dos diferentes entendimentos sobre a função do CC, este é de suma importância para a grande maioria dos entrevistados, principalmente no caráter educativo voltado os jovens. Quando se pensa a cultura, da forma como está sendo, estática e produzida por poucos, o CC se caracteriza como um espaço aonde as pessoas vão adquiri-la. Os valores funcionalistas relacionados à educação formal foram a mola propulsora do projeto de implantação da biblioteca, que se tornou um CC dinâmico, e um rico espaço gratuito para a busca dos mais diversos interesses.

Após a "leitura" e interpretação deste fenômeno cultural existente na zona norte de Londrina, que sofre e exerce influência na sociedade como um todo, pudemos compreender melhor esta realidade dinâmica, que permeia as vivências denominadas de lazer. Não procuramos estabelecer um juízo de valores a respeito de tais funções e ações desenvolvidas no CC, mas sim, mostrar pela nossa perspectiva como este fenômeno ocorre, principalmente na relação comunidade/CC.

Referências

ALVES JUNIOR, E. de D; MELO, V. A. de. *Introdução ao Lazer*. Barueri: Manole, 2003.

FEATHERSTONE, M. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e Humanização*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1995.

MARCELLINO, N. C. Pressupostos de Ação Comunitária: Estruturas e Canais de Participação. In: _____. (Org). *Políticas Públicas Setoriais de Lazer: o papel das prefeituras*. Campinas: Autores Associados, 1996. Cap. 4, p. 39-42.

PELLEGRIN, A. de. Equipamento de Lazer. In: GOMES, C. L. (Org). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 69-73.

PELLEGRIN, A. de. O Espaço de Lazer na Cidade e a Administração Municipal. In: MARCELLINO, N. C. (Org). *Políticas Públicas Setoriais de Lazer: o papel das prefeituras*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996, p. 31-38.

MELO, V. A. de; PERES, F. de F. Espaço, lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. In: FREITAS, R. F.; NACIG, R. (Org). *Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

PINTO, L. M. S. M. Formação de Educadores e Educadoras para o Lazer: saberes e competências. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte-Colégio Brasileiro de*

Ciência do Esporte, Campinas: Autores Associados, v.22, n.3, p. 53-71, 2001.

Prefeitura do Município de Londrina-Secretaria de Planejamento –DP/GPI. *Perfil do Município de Londrina*. Londrina: A Secretaria, 2003.

Projeto-Proponente: *Prefeitura Municipal de Londrina: Reforma e Ampliação de Espaço Cultural em Londrina*. 2002.

PUIG, J. M; TRILLA, J. A *Pedagogia do Ócio*. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2004.

STUCCHI, S. Espaços e Equipamentos de Recreação e Lazer. In: BRUHNS, H. T (Org). *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 105-121.

ABSTRACT: This study it had the intention to know which the meanings that the inhabitants of the communities of the "Cinco Conjuntos", Londrina-PR, have in relation to the Cultural Center Lupércio Luppi recently inaugurated. Through comments and interviews with the coordinator and the users and the not users of the Cultural Center, he can yourself be known as the community if it appropriates and participates of that space, which the functions and the attributed values, its relations with the leisure.

KEYWORDS: Spaces of Leisure. Cultural Center. City.

Endereço do autor:

Fábio Luís Martins

Rua Pedro Khater, 140 – Bairro Avelino A. Vieira

Londrina – PR – 86056-030

Endereço Eletrônico: faluma@pop.com.br

Recebido em: 14/09/2006

Aceito em: 05/10/2006